

A chegada da **ARTE NO BRASIL**

Vera Gonzalez*

Neste ano de 2022, comemora-se o bicentenário da Independência do Brasil, que em 7 de setembro de 1822 separou-se de Portugal, processo que durou até 1825, com guerras internas, passando à condição de nação independente. Nessa época, para falarmos da vinda da arte ao Brasil, vamos nos reportar a alguns anos atrás.

Com a vinda da família real de Portugal para o Brasil, por meio de Dom João VI foram tomadas medidas que permitiram a construção de universidades, teatros, bibliotecas etc. Artistas e intelectuais estrangeiros vieram para o País e a circulação de conhecimento aumentou consideravelmente. Mudanças sensíveis aconte-

ceram no Brasil nessa época, que ficou conhecida como Período Joanino. Essas mudanças ocorreram nos campos cultural, econômico e até mesmo político. Em 1815, o País foi elevado à condição de reino e deixou de ser colônia portuguesa.

No dia 12 de agosto de 1816, por meio de um Decreto-Lei de D. João VI, foi criada a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, que viria a se transformar na Escola de Belas Artes - EBA. Antes dessa iniciativa, só havia um relato de estudo de artes em nosso país: “A Aula Pública de Desenho e Figura, estabelecida por carta régia de 20 de novembro de 1800 foi a primeira ação oficial que se tem conhecimento para que se es-

***Entrada da baía e da cidade do Rio
a partir do terraço do Convento de
Santo Antônio, pintada pelo francês
Nicolas-Antoine Taunay (1816)***

Acervo: Museu Nacional de Belas Artes



tabelesse o ensino da arte no Brasil”, informa a comunicação da EBA.

Esse decreto criou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, para a qual foi contratada uma Missão Artística Francesa, que chegou ao País no mesmo ano para inaugurar as atividades da instituição. A Escola pretendia formar o artista para o exercício das belas artes e também o artífice para as atividades industriais. A Missão teve origem no esforço de Joachim Lebreton (1760-1819), secretário perpétuo do Institut de France que, com o apoio de Dom João VI e do Conde da Barca (1754-1817), trouxe ao País um grupo de artistas e técnicos, entre os quais os pintores Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830) e Jean-Baptiste Debret (1768-1848), o escultor Auguste-Marie Taunay (1768-1824) e o arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850), autor do projeto da sede da Academia Imperial de Belas Artes - AIBA e principal responsável pelo ensino da arquitetura na Academia. As obras do arquiteto são exemplares do estilo neoclássico no Brasil, como por exemplo, a antiga Alfândega, hoje Casa França-Brasil, e o Solar Grandjean de Montigny, sua antiga residência, atualmente pertencente à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A Academia Imperial de Belas Artes – AIBA (1826), cujo pórtico encontra-se no Jardim Botânico, demoraria dez anos para ser inaugurada e foi constituída para a realização do ensino

artístico no Brasil em moldes semelhantes aos das academias de arte europeias. Esse atraso na efetiva implantação da Academia pode ser atribuído não só ao pouco interesse da sociedade brasileira em relação às artes, mas também à resistência de muitos elementos da burocracia portuguesa em aceitar a proeminência de franceses na instituição. As dificuldades se agravaram com a morte de Lebreton, em 1819, e sua substituição na direção da Academia pelo pintor português Henrique José da Silva, ferrenho adversário dos franceses.

Antes da inauguração, porém, em 1821, Debret e Grandjean de Montigny, cansados das protelações da burocracia, alugaram um casarão no centro da cidade e deram início às aulas de pintura e arquitetura, atendendo a um reduzido número de alunos. Nesse mesmo ano, Nicolas-Antoine Taunay regressou à França, deixando a cadeira de pintura de paisagem a seu filho, Felix

Estatutos da Imperial Academia e Escola de Bellas Artes, estabelecida no Rio de Janeiro por Decreto de 23 de novembro de 1820 (folha de rosto). À esquerda, entrada da Academia Imperial de Belas Artes, que passou a se chamar Escola Nacional de Belas Artes após a proclamação da República. Seu pórtico encontra-se atualmente no Jardim Botânico (imagem da direita).



Foto de Marc Ferrez. Acervo: Instituto Moreira Salles

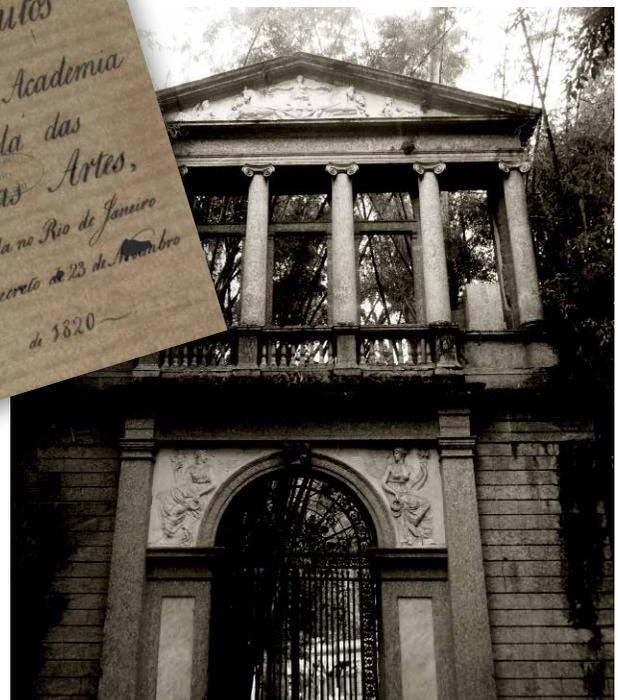


Foto de Carol Vieira, via Wikimedia Commons

Émile Taunay.

As academias procuravam garantir aos artistas formação científica e humanística, além de treinamento no ofício com aulas de desenho de observação e cópia de moldes. Eram responsáveis, ainda, pela organização de exposições, concursos e prêmios, conservação do patrimônio, criação de pinacotecas e coleções, o que significava o controle da atividade artística e a fixação rígida de padrões de gosto. No Brasil, a arte realizada na Academia corresponde, em linhas gerais, a modelos neoclássicos e românticos aclimatados, que têm que enfrentar as condições da natureza e da sociedade locais. Entre as várias alterações no modelo encontra-se o predomínio das paisagens entre os pintores acadêmicos no Brasil, a despeito da hierarquia que considerava a paisagem secundária. No que diz respeito à pintura histórica, vale destacar o papel da "arte acadêmica nacional" na construção de uma iconografia do Império, sobretudo no período de Dom Pedro II, entre 1841 e 1889.

Ao lado da profusão de retratos do imperador e do registro de comemorações oficiais, parte dos artistas acadêmicos envolveram-se na construção de uma memória da nação, de timbre romântico, com a eleição de alguns emblemas: o índio era um dos mais importantes. E a arte brasileira se fez representar!

Comprometidos com o governo de Dom Pedro II, Victor Meirelles (1832-1903) e Pedro Américo (1843-1905) fizeram obras artísticas com o intuito de enaltecer o Império e o nacionalismo do País recentemente independente.

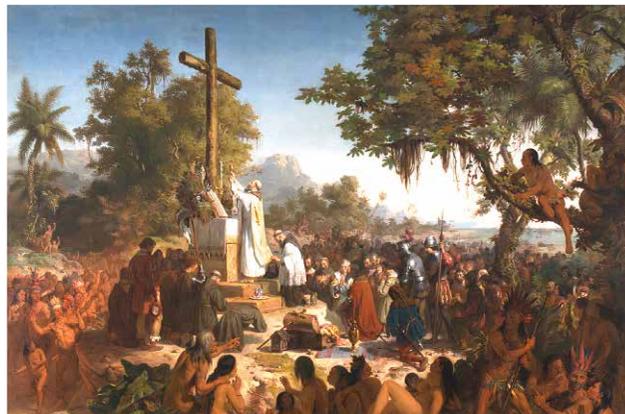


Um exemplo disso é o famoso quadro de Victor Meirelles *Batalha dos Guararapes*, hoje no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, que encontra-se no Museu do Ipiranga, em São Paulo, e é a mais famosa imagem do episódio da Independência do Brasil.

A pintura histórica encontra nas obras de Victor Meirelles e Pedro Américo seus maiores exemplos. Entre as obras mais importantes de Victor Meirelles, encontram-se *A Primeira Missa no Brasil* (1860), reveladora dos traços característicos do pintor: a riqueza de detalhes e o predomínio do desenho sobre a cor na composição, no que foi seguido por Pedro Américo; *Batalha dos Guararapes* (1875/1879), que contribui para fazer do episódio um dos marcos da nacionalidade; e *A Batalha Naval do Riachuelo*, que retrata o conflito ocorrido em 11 de junho de 1865, às margens do arroio Riachuelo, um afluente do Rio Paraná, na província de Cor-

Batalha dos Guararapes (1875/1879) e A Primeira Missa no Brasil (1860), de Victor Meirelles: obras que retratam momentos importantes da história brasileira

Acervo: Museu Nacional de Belas Artes





A obra *Independência ou Morte* (1888), de Pedro Américo, a mais famosa sobre o episódio da Independência do Brasil, atualmente exposta no Museu do Ipiranga (SP)



Batalha do Avaí (1872), também de Pedro Américo, retrata um dos combates travados durante a Guerra do Paraguai

Acervo: Museu Nacional de Belas Artes

rientes, na Argentina, do qual o Brasil sagrou-se vencedor pelo comando de Francisco Manuel Barroso da Silva, conhecido na história brasileira como Almirante Barroso.

A famosa tela de Pedro Américo, *Batalha do Avaí* (1872), foi apresentada ao lado da *Batalha dos Guararapes* na Exposição Geral de Belas Artes, em 1879. Pedro Américo destacou-se precocemente na Academia, onde ingressou como aluno em 1856. *Independência ou Morte - O Grito do Ipiranga* (1888) é outra de suas obras mais importantes, bem como *Dom João IV Infante*.

Debret era o pintor mais importante da AIBA nos primeiros tempos. Iniciou seu trabalho no Brasil com a organização dos festejos de aclamação de Dom João VI, em nada semelhantes às festas revolucionárias francesas. Durante sua estadia brasileira, observa-se um interesse crescente pelo acompanhamento de aspectos variados da vida social brasileira - o movimento das ruas, o interior das casas, o cotidiano dos escravos etc., traduzido em desenhos e aquarelas, boa parte litografadas e reunidas no livro *Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil* (1834, 1835 e 1839). Os nomes de Almeida Júnior

(1850-1899) e Rodolfo Amoedo (1857-1941) destacam-se entre os alunos da primeira geração de pintores saídos da AIBA, em função das soluções originais de suas obras.

Almeida Júnior, a partir de 1879, caminhou para a temática regionalista com a obra *O Derubador Brasileiro, Caipiras Negaceando* (1888) e *Caipira Picando Fumo - estudo* (1893), evidenciando suas afinidades com o Realismo. Amoedo, por sua vez, produz telas de acentuado tom realista e apelo erótico, como *Marabá* (1882) e *Estudo de Mulher* (1884).

Enquanto durou, de 1826 até 1889, a AIBA teve sete diretores e passou por duas grandes reformas (1831 e 1855), mas foram as gestões do pintor Félix Taunay (1795-1881) - de 1834 a 1851 - e a do pintor e crítico de arte Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) - de 1854 a 1857, que consolidaram a Academia.

A fase de Taunay marcou a estruturação dos cursos, a criação das Exposições Gerais de Belas Artes em 1840 e a concessão de prêmios de viagem ao exterior, a partir de 1845.

A era Porto Alegre, primeiro brasileiro a dirigir a instituição, coincidiu com a tentativa de modernização da Academia pela ênfase no estabelecimento de bases teóricas para o ensino, na ideia de nacionalização da biblioteca (transformando-a na memória pictórica brasileira) e na criação de coleções de arte brasileiras. Porto Alegre confere importância destacada à pintura de paisagens que deveria, segundo ele, sair da cópia de estampas e dos quadros da pinacoteca e voltar-se para o registro da natureza nacional.



As gravuras de Jean-Baptiste Debret retratam paisagens e cenas variadas da vida social brasileira. Acima, a litografia *Os refrescos do Largo do Palácio após o jantar*, registrada no livro *Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil* (vol. II).

A pintura de paisagens encontra forte enraizamento na arte brasileira, desde Nicolas Taunay, por exemplo a *Cascatinha da Tijuca* e *Vista do Outeiro, Praia e Igreja da Glória*, ambas realizadas entre 1816 e 1821. A defesa feita por Porto Alegre da pintura ao ar livre e do registro realístico da flora e da fauna nacionais encontra sua efetiva realização, décadas depois, nas obras do pintor alemão Georg Grimm (1846-1887) e seu grupo.

Destaque-se ainda que a Academia formou muitos artistas que acabariam por aderir às tendências realista e impressionista, como Rodolfo Amoedo, Almeida Júnior e os irmãos Henrique e Rodolfo Bernardelli, responsáveis por certa renovação das artes plásticas no Brasil, nas últimas décadas do século 19.

Quando se reformulou o ensino superior do Brasil, a Escola foi absorvida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1931, significando o fim de um sistema e o início de um outro, dominado pelo Modernismo, cujos princípios combatiam o previsível e o rotineiro na prática artística e na disciplina metódica da escola oficial, propondo caminhos com outros valores, prestigiando a espontaneidade criativa e o gênio individual. A despeito das críticas, o modelo da Academia tradicional inspirou a es-

truturação de escolas de arte similares em vários pontos do Brasil, como foi o caso do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856), do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (1873) e do Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios em Pernambuco (1880), e das Escolas de Belas Artes mantidas por universidades regionais, como o Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1908), provando sua eficiência e capacidade de adaptação e renovação.

Após o advento do regime republicano, mudou de nome e passou por mudanças em sua direção. Ainda nas primeiras décadas do século 20, os padrões estéticos vigentes na agora chamada Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, ainda permaneciam presos a um estreito classicismo, não tendo sido a escola



Retrato de D. João VI, pintura de Debret
Acervo: Museu Nacional de Belas Artes

A SEMANA DE ARTE MODERNA

A Semana de Arte Moderna aconteceu entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Considerada um marco no Modernismo brasileiro, congregou artistas de diversas áreas: pintura, escultura, arquitetura, música, dança e literatura. Participaram, direta ou indiretamente, nomes célebres da arte brasileira, como Graça Aranha, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos, Victor Brecheret, Di Cavalcanti, Guiomar Novais, entre outros.

Pinturas e esculturas ficaram expostas

no saguão do Teatro e causaram grande escândalo ao gosto público da época. Conferências, saraus e apresentações de dança e música aconteceram em três dias do evento, consolidando o ambiente propício para a publicação de diversas obras que caracterizaram a Primeira Geração do Modernismo brasileiro.



capaz de absorver, senão com muita lentidão e parcimônia, os princípios impressionistas que se difundiam na Europa desde a década de 1870.

Já as questões que motivavam reflexões entre as vanguardas modernistas, que agitavam o ambiente cultural do velho continente, eram completamente ignoradas na ENBA. Foi justamente esse ambiente, resolutamente apegado ao classicismo, que seria atacado pelos renovadores da Semana de Arte Moderna de 1922. O cenário da época era ideal para a renovação artística nacional, e esse foi um dos motes da “Semana”: a atualização intelectual da consciência nacional. O Brasil, que se transformava e se modernizava, precisava de um novo olhar artístico, sociocultural e filosófico que propusesse uma arte nacional original e atualizada, trazendo consigo um pensamento a respeito dos problemas brasileiros e da variedade cultural que se estendia por nosso vasto território.

Primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, a Semana de Arte Moderna completa, neste ano de 2022, o seu centenário e hoje contamos com extensas literaturas sobre os desdobramentos e repercussões, com novas interpretações, sobre os bastidores daquele movimento modernista, pioneiro na arte do Brasil.

Com base no que foi apresentado, pode-se concluir que o incentivo à vinda de artistas europeus para o Brasil no Período Joanino, com a Missão Artística Francesa, e a introdução do

ensino superior acadêmico contribuíram expressivamente para o aprimoramento das artes, transformando o cenário cultural brasileiro e favorecendo o surgimento de novos processos estéticos, como o movimento que culminou com a Semana de Arte Moderna de 1922. ■

REFERÊNCIAS

- SILVA, Daniel Neves. "Independência do Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/historiab/independencia-brasil.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.
- MACHADO, Diogo de Souza, Usuário. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Missão Artística Francesa. Acesso em 4 de janeiro 2022
- PEDRO Américo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21332/pedro-americ>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- Victor Meirelles Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8725/victor-meirelles>. Acesso em: 04 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- FRANZ, Teresinha Sueli. "Victor Meirelles e a Construção da Identidade Brasileira". In: 19&20, 2007; II (3)
- Laura Aidar. Semana da Arte Moderna. Toda Matéria, Acesso em 4 janeiro 2022.

* Presidente da Academia Brasileira de Belas Artes